



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Oliveira, Ebenézer A. de; Frizzo, Giana B; Marin, Angela H.
Atitudes Maternas Diferenciais para com Meninos e Meninas de Quatro e Cinco Anos
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 363-371
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813305>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Atitudes Maternas Diferenciais para com Meninos e Meninas de Quatro e Cinco Anos

Ebenézer A. de Oliveira ^{1,2}

Giana B. Frizzo

Angela H. Marin

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Foram examinados os efeitos do sexo e da idade da criança pré-escolar sobre três atitudes maternas consideradas na literatura: irritabilidade, rejeição e intrusão. A amostra contou com 53 mães e suas crianças pré-escolares, de ambos os sexos, com idades entre 48 e 60 meses, de níveis sócio-econômicos (NSE) médio e baixo. As mães preencheram uma versão em Português do Parent Attitude Research Instrument-PARI. Correlações de ordem zero e regressões múltiplas indicaram que as mães relataram menor irritabilidade e rejeição quanto maior for a idade da criança; contudo, o mesmo não ocorreu para a intrusão. Independentemente da idade da criança, as mães dos meninos relataram maior intrusão do que as mães das meninas. Os resultados se mantiveram mesmo após a inclusão do NSE na equação de regressão. Análises bivariadas mostraram uma tendência marginal para as mães dos meninos relatarem maior rejeição do que as mães das meninas. Os resultados são discutidos à luz da literatura vigente sobre a socialização da criança pré-escolar, ressaltando elementos cognitivos e interacionais.

Palavras-chave: Irritabilidade; rejeição; intrusão; socialização.

Differential Maternal Attitudes toward Four- and Five-Year-Old Boys and Girls

Abstract

This study examined the effects of the preschool child's sex and age on three maternal attitudes regarding children's behavior, as reported by mothers: irritability, rejection, and intrusion. The sample had 53 mothers and their preschool children, both boys and girls, aged 48 to 60 months, from middle and low socioeconomic statuses (SES). The mothers filled out a Portuguese version of the Parent Attitude Research Instrument-PARI. Zero-order correlations and multiple regressions indicated that the lower the levels of irritability and rejection reported by the mother; however, the same did not occur for intrusion. Regardless of the child's age, the mothers of boys reported higher intrusion than the mothers of girls. These results are discussed in light of the literature on the preschool child's socialization, stressing both cognitive and interactional elements.

Keywords: Irritability; rejection; intrusion; socialization.

O estudo das atitudes maternas tem interessado a psicanalistas, comportamentalistas e cognitivistas ao longo da história (Holden & Edwards, 1989; Sigel, 1992). Mas foi com o advento da teoria da aprendizagem social, na Universidade de Yale, na década de 1930, que elementos dessas três correntes psicológicas convergiram para uma

A psicanálise mantém que a rejeição, no outro extremo, rejeitadora, das necessidades maternas não é transportada para a relação de segurança e diversas psicopatologias (Freud, 1931). Já os comportamentalistas

Goodnow (1988), “enfocar apenas o comportamento significa desprezar o fato de que os pais são criaturas pensantes, que interpretam eventos, e cujas interpretações influenciam suas ações e sentimentos.” (p. 287)

A partir do interesse psicanalítico pelas motivações intrapsíquicas subjacentes à relação mãe-criança e aos transtornos psicológicos infantis, combinado ao rigor metodológico comportamentalista e à preocupação dos cognitivistas com as bases mentais da socialização, nasceu o primeiro grande empreendimento científico a explorar o papel das atitudes maternas no desenvolvimento social. Este foi registrado em *Patterns of Child Rearing*, por Sears, Maccoby e Levin (1957, citado em Grusec, 1994). Ao entrevistarem 379 mães, Sears e seus colaboradores buscaram demonstrar que as atitudes maternas influenciavam as práticas parentais, e, por meio dessas, a personalidade e o comportamento da criança em desenvolvimento. Contudo, os resultados desse estudo pioneiro pouco apoiam as hipóteses iniciais. Faltava ainda uma clara conceituação das atitudes, que facilmente se confundiam com valores, práticas, ou auto-avaliações, e algumas limitações metodológicas—ex., uso de uma única fonte de informação para variáveis explicativas e critérios—suscitaram críticas e desconfianças quanto ao relevante papel das atitudes maternas na socialização (Grusec, 1994; Maccoby, 1994).

Embora ainda hoje pouco consenso exista em torno do que sejam as atitudes maternas, estas têm sido definidas como uma predisposição ou julgamento afetivo sobre a tarefa de criar filhos (*child-rearing*) (Holden & Edwards, 1989). Como tal, o construto reflete crenças e sentimentos sobre como uma mãe deve reagir ou proceder no desempenho do seu papel. Questionários de atitudes socialmente desejáveis geralmente apresentam maior erro de medição, pois as mães tendem a responder conforme presumem que se espera delas e, consequentemente, tais atitudes tendem a discriminar menos entre grupos clínicos e não-clínicos (Schaefer & Bell, 1958). Talvez por essa razão, as atitudes maternas são frequentemente classificadas como “atitudes de ação” (Holden & Edwards, 1989).

interação coerciva entre a mãe e a criança. A troca verbal se acumula e se intensifica, a mãe desiste e se retrai, o que só vem a reforçar a ação coerciva. O resultado é o ciclo coercivo (condicionamento de reforço) que por se mostrar eficaz na inibição do avanço da criança, é reforçado. A reação da criança ao comportamento coercivo da criança tem de ser positiva, ou seja, oportunamente, a se generalizar a outras situações sociais, caracterizando uma personalidade coerciva (Patterson, 1995; Patterson, DeBaryshe & Dishion, 1989).

Duas outras atitudes maternas associadas ao bem-estar socio-emocional da criança são a irritabilidade e a rejeição. A mãe irritada é aquela que julga que a criação dos filhos é, por exemplo, exasperante, capaz de “arruinar os planos da vida” de uma mulher. Já a mãe rejeitadora do papel de mãe é aquela que encara os cuidados parentais e domésticos como desprazer porque sente que esses cercam a sua liberdade (Schaefer & Bell, 1958). Para ela, a mãe é uma ameaça para os filhos e com a rotina diária da casa é uma fonte de estresse. As atitudes podem se manifestar em práticas parentais que vão desde a exclusão, a negação, a desvalorização, inclusive ausência de supervisão e falta de cuidados essenciais dos filhos, como higiene, nutrição, suporte emocional e estimulação verbal (Schaefer & Bell, 1958; Patterson, 1995; Patterson, DeBaryshe & Dishion, 1989).

Quando a irritabilidade e a rejeição maternas são negligenciadas, a criança pré-escolar tem maior risco de desenvolver baixos níveis de autoestima, baixo engajamento social (Egeland, Sroufe & Schellenbach, 1993) e baixa autoconfiança. Na idade escolar, ela apresenta maiores problemas de aprendizagem, baixos níveis intelectuais e de linguagem, apatia e retrato social. Na adolescência, a rejeição materna é associada sexualmente (Eckenrode, Laird & Doherty, 1997).

Contudo, vale ressaltar que algumas atitudes maternas podem ser benéficas para a criança, como a proteção, a orientação, a apoio e a estimulação.

criança. Só recentemente, porém, a pesquisa psicológica passou a examinar as possíveis fontes de origem das atitudes maternas consideradas psicopatogênicas.

Uma possível fonte de origem das atitudes maternas é a própria cultura em que a mãe está inserida (Grusec, Hastings & Mammone, 1994). De acordo com Bronfenbrenner (1988), o projeto social para a criança de uma determinada cultura é mantido através de estruturas e padrões ideológicos comunicados por parentes e *experts*. Assim, o que se espera da criança a cada fase do seu desenvolvimento, os alvos valorizados, assim como as atitudes predominantes no ideal parental são estabelecidos culturalmente. Mas, como argumenta Goodnow (1985, citado em Grusec, Hastings & Mammone, 1994), as mães não são apenas receptores passivos de uma herança cultural; antes, elas constróem suas próprias atitudes e práticas. Há, pois, grande margem de variabilidade entre as mães de uma mesma cultura.

Boa parte dessa variabilidade pode ser explicada a partir de fatores da própria mãe. Por exemplo, há muito tempo se tem estabelecido empiricamente que a chance de desenvolver atitudes maternas psicopatogênicas cresce linearmente na medida que o nível sócio-econômico da mãe decresce (Holden & Edwards, 1989; Schaefer & Bell, 1958). Uma vez controlado o efeito do nível sócio-econômico, a idade da mãe se correlaciona positivamente com o nível de satisfação parental e negativamente com o tempo dedicado a atividades sociais longe dos filhos pequenos (Ragozin, Basham, Crnic, Greenberg & Robinson, 1983).

Pouco explorada na literatura, porém, é a contribuição da criança pequena para a variância das atitudes maternas, talvez porque a pesquisa científica da socialização ainda mantenha resquícios de uma causalidade unilateral, do adulto sobre a criança (Maccoby, 1994; ver também debate entre Lytton, 1990a, 1990b; Dodge, 1990; Wahler, 1990). Sem negar os prováveis efeitos das atitudes maternas sobre a criança, o presente estudo toma o sexo da criança como uma fonte de variância da atitude

Crowther, Bond & Rolf, 1990). As atitudes maternas podem variar assim com o sexo da criança, seria de se esperar com as atitudes maternas. Pode-se dizer que de cuidado e controle parentais que a criança provavelmente refletem o que uma mãe assume sobre o seu filho. Tais diferenças de atitude quando a criança cruzam os níveis sócio-econômicos, como já foi dito, as atitudes maternas tendem a se acentuar em camadas.

Cinco hipóteses foram testadas. A primeira hipótese concerne à variabilidade encontrada por Zuckerman (1979) em uma amostra norte-americana, e pressupõe que a mãe desempenha um papel no lar. Segundo esse argumento, a mãe que percebe a tarefa parental como uma responsabilidade tende a rejeitar as responsabilidades de cuidado da criança em geral. A primeira hipótese não resultou em resultados. Em segundo lugar, a hipótese de que uma das atitudes maternas (rejeição e intrusão) poderia ser explicada por meio da idade da criança. A terceira hipótese pressupõe que a idade da criança se correlacionaria negativamente com a rejeição e com a intrusão. A quarta hipótese previu que as mães de meninos teriam maior nível de irritabilidade, rejeição e intrusão do que as mães de meninas participantes. A quinta hipótese pressupõe que os resultados das hipóteses terceira e quarta permanecem os mesmos mesmo após a entrada do sexo da criança como variável controladora. As variáveis controladoras, como covariáveis, foram a idade da mãe, o nível sócio-econômico da mãe, a idade da criança, o sexo da criança e a variância da atitude materna.

superior a dez salários mínimos, enquanto 17% relataram ter uma renda familiar inferior a três salários mínimos. A maioria das mães (79%) informaram ser casadas e trabalhar fora de casa, com uma jornada de trabalho modal (49%) entre 21 e 40 horas semanais. Os níveis de instrução mais típicos das mães participantes eram o terceiro grau completo (30%) e o primeiro grau incompleto (25%).

Procedimentos e Medidas

Os dados de cada diáde participante foram coletados numa única visita ao centro de educação infantil ou centro social regularmente freqüentado pela criança. A cada visita, coletaram-se os dados de uma a três diádes. Além de fornecerem dados demográficos sobre si e a criança, inclusive o sexo e a idade da criança, cada mãe completou uma versão em Português do instrumento original *Parental Attitude Research Instrument-PARI* (Schaefer & Bell, 1958). Traduzida pelo primeiro autor, esta versão buscou ser fiel ao conteúdo dos itens, mas modificou as instruções iniciais para torná-las mais compreensíveis, e ampliou a escala tipo *Likert* para cinco pontos. Por refletirem atitudes consideradas psicopatogênicas na literatura, somente as sub-escalas de Irritabilidade, Rejeição do Papel no Lar e Intrusão foram usadas no presente estudo. Uma assistente cega para os objetivos da pesquisa leu os itens e as opções de resposta, e esclareceu eventuais dúvidas, para as mães com dificuldade de leitura ou compreensão (26%), enquanto que as outras mães dispensaram tal ajuda.

Ao contrário de muitos instrumentos similares, o PARI foi construído a partir de uma criteriosa análise dos itens de diversas entrevistas estruturadas (Schaefer & Bell, 1958). O AnexoA mostra as instruções e os ítems das sub-escalas utilizadas. Usando a terceira pessoa ("uma mãe"), os ítems expressam chavões ou juízos genéricos, em vez de enfocar situações específicas. Em sua rigorosa revisão crítica de diversas medidas de atitudes maternas, Holden e Edwards (1989) indicam que o PARI é o único instrumento cuja validade e confiabilidade é similar ao nível da escala.

Numa amostra de 250 mães universitárias canadenses, Nogueira (1988) examinou as propriedades psicométricas da tradução para o Português de uma versão em inglês canadense do PARI. No que concerne às propriedades correspondentes às do presente estudo, obtiveram-se os seguintes índices de fidedignidade (correlação de Pearson): Irritabilidade= 0,37; Intrusão= 0,39. Embora estes resultados não sejam significantes, os dois últimos índices são considerados satisfatórios que o primeiro, considerado como indicador da estabilidade das atitudes maternas (Pearson= 0,37) entre as duas medições, realizadas com intervalo de apenas uma semana entre a primeira e a segunda medição.

Na presente amostra, foram obtidos os seguintes índices alfas de Cronbach da tradução para o Português do instrumento original: Irritabilidade= 0,69; Intrusão= 0,78. Esses valores são considerados aceitáveis, daqueles obtidos originalmente por Schaefer & Bell (1958) em várias amostras de transvalidação (ranging from 0,60 to 0,80) e em amostras de países americanos. Considerando-se o pequeno número de ítems que compõem as sub-escalas, pode-se dizer que suas consistências internas são bem razoáveis.

As hipóteses foram testadas estatisticamente, utilizando-se de correlações bivariadas e de uma série de regressões múltipla hierárquica, com e sem variáveis controladoras. Primeiramente, cada atitude materna foi regredida sobre a idade (codificada em meses) e o sexo da criança (masculino= 0; feminino= 1). A segunda atitude materna foi regredida sobre o conjugal, com variáveis controladoras explicativas, incluindo-se o Nível Sócio-Econômico da mãe (0= baixo; 1= alto), a escolaridade (0= creche pública; 1= creche particular) e a renda familiar (0= baixa; 1= alta). A terceira atitude materna foi regredida sobre o conjugal, com variáveis controladoras explicativas, incluindo-se o Nível Sócio-Econômico da mãe (0= baixo; 1= alto), a escolaridade (0= baixa; 1= alta) e a renda familiar (0= baixa; 1= alta).

Resultados

Os dados descritivos das atitudes maternas, que serão apresentados na Tabela 1, e indicam que a distribuição é relativamente normal. A Tabela 2 mostra os resultados das regressões múltiplas hierárquicas, que testaram a hipótese de que a atitude materna é predita por variáveis controladoras.

Tabela 2. Matriz das Correlações Bivariadas de Pearson (N=53)

	1	2	3	4
1. Irritabilidade	—			
2. Rejeição	0,493**	—		
3. Intrusão	0,064	0,192	—	
4. Idade da Criança	- 0,354*	- 0,341*	- 0,057	—
5. Sexo da Criança	- 0,058	- 0,227†	- 0,447**	0,198

Nota. † $p = 0,10$; * $p = 0,01$; ** $p < 0,001$

Conforme previsto na primeira hipótese, as atitudes maternas de irritabilidade e de rejeição se correlacionaram positivamente entre si, $r = 0,49$; $p < 0,001$, replicando os resultados dos estudos de Zuckerman, Ribback, Monashkin e Norton Jr. (1958) e de Nogueira (1988). A falta de correlação significante entre o sexo e a idade da criança é indicativa de uma distribuição equivalente das idades entre os grupos masculino e feminino, e sugere ortogonalidade para os modelos subseqüentemente adotados nas análises de regressão múltipla.

A segunda hipótese foi confirmada pelas análises de regressão múltipla. O modelo explicativo da irritabilidade materna foi estatisticamente significante, $F(2,50) = 3,596$; $p < 0,05$. As variáveis explicativas deram conta de 13% da variância da irritabilidade materna (ver Passo 1 da Tabela 3). O mesmo ocorreu para os modelos de rejeição e intrusão, com os respectivos valores do teste de Fisher

iguais a 4,185; $p < 0,05$ e 6,30; $p < 0,01$. Os R^2 foram 0,14 e 0,20 para os modelos de rejeição e intrusão, respectivamente (ver Tabelas 3 e 4).

As hipóteses terceira e quarta foram parcialmente confirmadas. As Tabelas 3 e 4 mostram as contribuições de cada variável para as equações de regressão linear. A idade da criança teve uma correlação negativa significativa com as atitudes maternas de irritabilidade e de rejeição, e não com a de intrusão. Esses dados foram confirmados pelas análises de correlação bivariadas (ver Tabela 2) e de regressão múltipla (ver Passo 1 nas Tabelas 3 e 4). De fato, os resultados permaneceram quase inalterados entre as Tabelas 3 e 4 (ver Tabela 3 para comparar os coeficientes beta e os resultados de regressão das Tabelas 3 e 4 com os resultados da Tabela 2).

Tabela 3. Regressões Hierárquicas: Irritabilidade Materna em Função da Idade da Criança, sem e com o Nível Sócio-Econômico dos Participantes (N=53)

Variável	B	Erro Padrão	β	t
----------	---	-------------	---------	---

Tabela 4. Regressões Hierárquicas: Rejeição Materna em Função da Idade e do Sexo da Criança sem e com o Nível Sócio-Econômico dos Participantes ($N=53$; $g=2$)

Variável	<i>B</i>	<i>Erro Padrão</i>	β	<i>t</i>	R^2
Passo 1					0,14
Pt. de Interseção	33,634	7,081	0,000	4,750**	
Sexo	-1,670	1,342	-0,166	-1,245	
Idade	-0,279	0,121	-0,309	-2,313*	
Passo 2					0,14
Pt. de Interseção	33,761	7,166	0,000	4,711**	
NSE	-0,407	1,597	-0,036	-0,256	
Sexo	-1,591	1,389	-0,158	-1,145	
Idade	-0,272	0,126	-0,300	-2,159*	

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,001$

Quanto à contribuição singular do sexo da criança, novamente, houve suporte parcial dos dados. Conforme previsto na quarta hipótese, as mães de crianças do sexo masculino relataram maiores níveis de intrusão do que as mães de crianças do sexo feminino, com base tanto na análise correlacional de ordem zero (ver Tabela 2) como na análise de regressão múltipla (ver Passo 1 na Tabela 5). Ou seja, uma vez controlado o efeito da idade da criança, o efeito do sexo da criança sobre a intrusão materna permaneceu o mesmo.

atitude materna de irritabilidade, não houve efeito do sexo da criança.

Finalmente, conforme previsto pela quinta hipótese, a introdução da covariável NSE na equação não alterou significantemente os resultados obtidos quanto às hipóteses terceira e quarta, indicam as Tabelas 3 a 5, todas as variáveis com efeitos significantes no primeiro passo mantiveram-se significantes no segundo, e o valor de R^2 cresceu no Passo 2 com relação ao Passo 1.

Tabela 5. Regressões Hierárquicas: Intrusão Materna em Função da Idade e do Sexo da Criança sem e com o Nível Sócio-Econômico dos Participantes ($N=53$; $g=2$)

Variável	<i>B</i>	<i>Erro Padrão</i>	β	<i>t</i>	R^2
Passo 1					0,2
Pt. de Interseção	21,877	7,104	0,000	3,080*	
Sexo	-4,740	1,346	-0,454	-3,522**	
Idade	0,031	0,121	0,033	0,254	
Passo 2					0,4

Discussão

Os dados relatados indicam que as mães de crianças pré-escolares tendem a desenvolver atitudes auto-percebidas diferencialmente para com meninos e meninas, e para com crianças de ambos os sexos com idades diversas, independentemente no nível sócio-econômico. Contudo, das atitudes investigadas, nenhuma apresentou consistentemente uma relação simultânea com a idade e o sexo da criança.

As atitudes de irritabilidade e rejeição merecem primazia na discussão, pois os resultados deste estudo reiteram prévios relatos (Nogueira, 1988; Zuckerman, Ribback, Monashkin & Norton, 1958) de uma moderada correlação positiva entre essas duas atitudes maternas. Na medida que a mãe considera o papel parental como gerador de irritação ou abalo emocional, é natural que ela também sinta certa rejeição pelas responsabilidades domésticas em geral, que incluem mas não se restringem ao papel parental. Obviamente, é também plausível que a rejeição do papel no lar leve a mulher a encarar a tarefa de criação dos filhos como uma ameaça ao seu bem-estar e equilíbrio emocional. A bidirecionalidade entre estas atitudes maternas é, portanto, teoricamente aceitável.

Além de sugerir uma covariância entre a irritabilidade e a rejeição maternas, os resultados também indicam que os níveis auto-relatados dessas atitudes decrescem na medida que a criança avança em idade. Essa tendência parece não depender do sexo da criança; ou seja, as mães de meninos e meninas apresentam uma significante queda nos níveis de irritabilidade e rejeição proporcional ao aumento da idade da criança. Certa cautela é cabível quanto a essa conclusão, todavia, pois não se empregou no presente estudo um acompanhamento longitudinal das atitudes das mães participantes, e, portanto, existe a possibilidade da influência de outras variáveis que poderiam estar associadas às diferentes idades das crianças.

Esse mesmo mecanismo pode explicar a falta de relação entre a atitude intrusiva da mãe. Pois, como sugerem Gralinski & Kopp (1993; Kuczala, 1993), com o avanço da idade da criança, a menor demanda do controle e cuidados presumivelmente muda a atitude da mãe (ex., cuidados físicos, manuseio), e o mesmo não ocorre quanto ao nível de comportamentos sociais da criança (Kuczala, 1993), que parece estar mais associado ao nível de Pianta & O'Brien, 1993; Kuczala, 1993). As investigações, preferencialmente que levem em conta trajetórias (*path analysis*), seriam úteis para esclarecer essas questões ainda obscuras.

Quanto ao efeito do sexo da criança, os resultados apresentaram evidência de uma preferência das mães de meninos relatarem mais atitudes de irritabilidade e rejeição pelas meninas. Essa tendência é consistente com a maioria das pesquisas que levam em conta o efeito da idade da criança. No entanto, a certa sobreposição de efeitos de idade e sexo das crianças, só a intrusividade parece consistentemente suscetível ao efeito do sexo da criança. Ou seja, a questão que permanece estudada, as mães dos meninos parecem ser mais intrusivas do que as mães das meninas, e isso pode esperar em face da maior demanda de cuidados da criança pelo sexo masculino, relativa ao sexo da criança (Campbell, 1995; Crowther, 1993).

Os dados indicam ainda que a idade da criança sobre as atitudes maternas é consistente para os diferentes níveis sócio-econômicos. Embora, como em estudo de Edwards, 1989; Schaefer & Edwards, 1989, que apontem para maiores índices de psicopatogênicas (ou seja, irritabilidade e rejeição) das mães de um nível sócio-econômico mais baixo, os resultados do presente estudo sugerem que a idade da criança é mais importante que o nível sócio-econômico para explicar as diferenças entre as atitudes maternas para com meninos e meninas.

Referências

- Bronfenbrenner, U. (1988). Interacting systems in human development. Research paradigms: Present and future. Em N. Bolger, A. Caspi, G. Downey & M. Moorehouse (Orgs.), *Persons in context* (pp. 25-49). New York: Cambridge University Press.
- Campbell, S. B. (1995). Behavior problems in preschool children: A review of recent research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 36, 113-149.
- Crowther, J. H., Bond, L. A. & Rolf, J. E. (1981). The incidence, prevalence, and severity of behavior disorders among preschool-aged children in day care. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 9, 23-42.
- Dodge, K. A. (1990). Nature versus nurture in childhood conduct disorder: It is time to ask a different question. *Developmental Psychology*, 26, 698-701.
- Eckenrode, J., Laird, M. & Doris, J. (1993). School performance and disciplinary problems among abused and neglected children. *Developmental Psychology*, 29, 53-62.
- Egeland, B., Pianta, R. & O'Brien, M. (1993). Maternal intrusiveness in infancy and child maladaptation in early school years. *Development and Psychopathology*, 5, 359-370.
- Egeland, B., Sroufe, A. & Erickson, M. (1983). The developmental consequences of different patterns of maltreatment. *Child Abuse and Neglect*, 7, 459-469.
- Festinger, L. (1957). *A theory of cognitive dissonance*. Stanford: Stanford University Press.
- Goodnow, J. J. (1988). Parents' ideas, actions, and feelings: Models and methods from developmental and social psychology. *Child Development*, 59, 286-320.
- Gralinski, J. H. & Kopp, C. B. (1993). Everyday rules for behavior: Mothers' requests to young children. *Developmental Psychology*, 29, 573-584.
- Grusec, J. E. (1994). Social learning theory and developmental psychology: The legacies of Robert Sears and Albert Bandura. Em R. D. Parke, P. A. Ornstein, J. J. Rieser & C. Zahn-Waxler (Orgs.), *A century of Developmental Psychology* (pp. 473-497). Washington, DC: American Psychological Association.
- Grusec, J. E., Hastings, P. & Mammone, N. (1994). Parenting cognitions and relationship schemas. Em J. G. Smetana (Org.), *Beliefs about parenting: Origins and developmental implications* (pp. 5-19). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Holden, G. W. & Edwards, L. (1989). Parental attitudes toward child rearing: Instruments, issues, and implications. *Psychological Bulletin*, 106, 29-58.
- Kuczynski, L. & Kochanska, G. (1995). Function and content of maternal demands: Developmental significance of early demands for competent action. *Child Development*, 66, 616-628.
- Levy, D. M. (1931). Maternal over-protection and rejection. *Journal of Nervous and Mental Diseases*, 73, 65-77.
- Lyttton, H. (1990a). Child and parent effects in boys' conduct: A reinterpretation. *Developmental Psychology*, 26, 68-79.
- Lyttton, H. (1990b). Child effects - still unwelcome? A reply to Wahler. *Developmental Psychology*, 26, 705-707.
- Maccoby, E. (1994). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. Em R. D. Parke, P. A. O'Hearn & C. Zahn-Waxler (Orgs.), *A century of Developmental Psychology* (pp. 1-22). Washington, DC: American Psychological Association.
- Nogueira, Y. (1988). Atitudes maternas: estudo do PMA (Parenting Measure). *Psicología*, 40, 48-62.
- Page, K. D. (1997). Child neglect. Em G. G. Bear, K. M. Minde & J. E. Patterson (Orgs.), *Children's needs II: Development, problems, and intervention* (pp. 729-740). Bethesda, MD: National Association of State Mental Health Program Directors.
- Patterson, G. R. (1995). Coercion as a basis for early antisocial behavior. Em J. McCord (Org.), *Coercion and punishment in child-rearing* (pp. 81-105). New York: Cambridge University Press.
- Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D. & Ramsey, E. (1982). Coercive family process: A perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 37, 459-465.
- Patterson, G. R., Reid, J. B. & Dishion, T. J. (1992). *Vol. 4. Antisocial boys*. Eugene, OR: Castalia.
- Pearson, G. H. J. (1931). Some early factors in the formation of antisocial boys. *American Journal of Orthopsychiatry*, 1, 284-291.
- Ragozin, A. S., Basham, R. B., Crnic, K. A., Greenbaum, B. & N. M. (1982). Effects of maternal age on parenting. *Child Development*, 53, 627-634.
- Rothbaum, F. & Weisz, J. R. (1994). Parental caregiving behavior in nonclinical samples: A meta-analysis. *Development and Psychopathology*, 116, 55-74.
- Shaefer, E. S. & Bell, R. Q. (1958). Development of a parent rating scale instrument. *Child Development*, 29, 339-353.
- Sigel, I. E. (1992). Introduction to the first edition. Em J. J. Goodnow (Org.), *Parenting: The social context and psychological consequences for children* (2nd ed., pp. vii-xi). Erlbaum.
- Wahler, R. (1990). Who is driving the interaction? Child and parent effects in boys' conduct disorder. *Development and Psychopathology*, 26, 702-704.
- Zuckerman, M., Ribback, B. B., Monashkin, I. & N. M. (1982). Normative data and factor analysis on the parent rating scale instrument. *Journal of Consulting Psychology*, 22, 1-10.

Anexo A

Subescalas de Irritabilidade, Rejeição do Papel no Lar e Intrusão do Parental Attitude Research Instrument

Toda mãe tem determinados princípios em que ela acredita, ou seja, uma “filosofia” de vida. Neste espaço entre parênteses, se você concorda ou não com os seguintes itens, na medida que refletem sua própria “filosofia” de mãe, conforme a seguinte escala:

(1)	(2)	(3)	(4)
discordo absolutamente	discordo em parte	não sei bem se concordo ou discordo	concordo em parte

Não há respostas corretas ou erradas. Na medida do possível, favor evitar a opção 3 (não sei bem se concordo) como resposta. Seja sincera e responda conforme a sua opinião pessoal, sem se preocupar se outras pessoas venham a pensar. Favor responder a cada item na seqüência apresentada, sem omitir nenhum.

1. Crianças podem irritar qualquer mãe que tenha de estar com elas o dia todo ()
2. Uma das piores coisas no cuidado de casa é que a mulher se sente aprisionada ()
3. Uma mãe deve saber de tudo o que se passa na cabeça de seus filhos ()
4. Há momentos quando uma mãe sente que não pode agüentar seus filhos por mais tempo ()
5. A mulher que fica com seus filhos quase todo o tempo sente-se como um pássaro coitado ()
6. Uma criança não deveria nunca guardar segredo de seus pais ()
7. Raramente se encontra uma mãe que é doce e meiga com seus filhos quase todo o tempo ()
8. A maioria das mães jovens se incomodam mais por viverem presas dentro de casa do que por coisas de fora ()
9. Uma mãe deve estar sempre alerta para descobrir todos os pensamentos dos seus filhos ()
10. Criar filhos é uma tarefa que arruina os nervos de uma mulher ()
11. Uma das piores coisas sobre a criação de filhos é que a mãe termina não tendo tempo para os seus próprios interesses ()
12. Uma mãe tem o direito de saber tudo o que se passa na vida de seus filhos porque a mãe é a dona da sua própria vida ()
13. É natural para uma mãe “explodir” de raiva quando os filhos se tornam muito egoístas e desatentos ()
14. Uma jovem mãe se sente sacrificada porque há muitas outras coisas que ela preferiria fazer e que ainda é jovem ()

Grupo de Pesquisa em Interação Social Desenvolvimento e Psicopatologia

- GIDEP -

O objetivo do GIDEP é produzir conhecimentos para a teoria e prática na área de desenvolvimento e psicopatologia. Em particular, busca-se investigar os fatores sociais, emocionais e cognitivos no desenvolvimento normal e atípico dentro do contexto de interação pais-criança, criança-criança, e adolescente-família. O GIDEP está empenhado em promover a qualificação de pesquisadores e profissionais dentro de uma perspectiva interdisciplinar. O GIDEP constitui-se em um dos *Grupos de Pesquisa* do CNPq/UFRGS. Sete teses e cinco dissertações foram defendidas ou estão em orientação no Grupo.

Participantes e linhas de pesquisa

Cesar A. Piccinini (PhD pela University of London): Interação pais-bebê/criança; Aprendizagem e desenvolvimento infantil; Estratégias educativas parentais.

Tânia M. Sperb (PhD pela University of London): Interação de crianças; Cultura e desenvolvimento; Narrativas, desenvolvimento e psicopatologia.

Rita Sobreira-Lopes (PhD pela University of London): O desenvolvimento sócio-afetivo no contexto das relações familiares; relações pais-filhos em momentos de transição; Desenvolvimento da autonomia na família.

Participam ainda do grupo um técnico de audiovisual, 07 Doutorandos, 10 Mestrando e 05 Bolsistas de Iniciação Científica.

Infra-estrutura do GIDEP: O Grupo mantém o *Laboratório de Observação e Análise de Processos Interativos* equipado com sofisticados equipamentos de gravação, digitalização e edição de imagens de vídeo, o que possibilita análises sistemáticas das observações gravadas.

Contatos internacionais e convidados pelo Grupo: Artin Goncu (EUA/1993); Armin Walilon (Bélgica/1997); Jan Valsiner (EUA/1995); Jonathan Tudge (EUA/desde 1995); Marc Bigras (Canadá/1999); Palácio Espasa (Suiça/1997); Stuart Millar (Inglaterra/1996).